

balanço de pagamentos? O exame do balanço de pagamentos, aliás, se discriminado em parcelas separadas o que é nacional, e o que não é, permitiria aferir com clareza o que representa o chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento". A análise ministerial terminava com a seguinte sentença, aparentemente irrecorrível: "Da mesma forma que, nos anos 60, o herói nacional foi aquele que substituía as importações, na década de 70, o herói nacional é aquele que for capaz de exportar. Não há saída para esse processo. Não há alternativa, não adianta, realmente, chorar, não adianta lamentar. Ou exportamos, ou vamos parar de crescer".¹⁶⁵ Tese evidentemente falsa, quando se aprofunda a análise do tipo de desenvolvimento adotado, tomado como modelo. Falsa mesmo para economistas insuspeitos, pois ligados a interesses externos.¹⁶⁶ Precisamos exportar, como todos os países, pois já não é possível existir autarquias, no mundo de hoje; o bom comércio, nesse sentido, é o que atende aos interesses das duas partes, e o comércio da área capitalista, dominado pelo imperialismo, continua a representar uma das formas da espoliação das economias dependentes. O mercado por excelência, aquele que representa o fator de impulso da economia, é o nacional. Existe essencial e característica contradição quando um país exporta calçados em volume crescente e sua população anda descalça. Existe contradição essencial quando um país exporta, com total proteção do Estado, aquilo que nele é produzido por empresas estrangeiras, integradas em suas origens.

Antes de 1964, o trabalhador dispunha de relativa liberdade de lutar para preservar o declínio do salário, para manter o poder aquisitivo do que percebia; a alteração, com o novo regime, foi a perda daquela relativa liberdade: o Estado arvorou-se em juiz único, de irrecorríveis sentenças, quanto ao preço do trabalho. A acumulação capitalista repousa na espoliação salarial, evidentemente. Mas, ao longo dos tempos, os trabalhadores conseguiram conquistar alguns direitos, inclusive o de defender o salário, mantendo-o sempre acima de certo nível, o nível mínimo, aquele

¹⁶⁵ Antônio Delfim Netto: artigo citado.

¹⁶⁶ O economista norte-americano Samuel Morley declarou, em entrevista à imprensa brasileira: "Os baixos custos da produção, no Brasil, são, em si, suficiente incentivo para uma empresa produzir aqui e exportar. (...) Existe o perigo de que o Brasil e outros países acabem se entregando à prática de uma espécie de leilão de incentivos, junto ao mercado internacional, cada um querendo ser mais generoso, a fim de atrair filiais de companhias multinacionais para fazer exportações. (...) O subsídio às exportações é provavelmente demasiado. E está posto de tal forma que aproveita principalmente as empresas estrangeiras". Mas é claro que Morley esperava, da política econômica brasileira, também, que garantisse ao investidor estrangeiro "uma taxa de crescimento interno razoável" e a "continuação das condições do mercado de trabalho". (*Jornal do Brasil*, Rio, 31 de julho de 1972).